

**“NÃO SOU CAPAZ DE JUNTAR NEM TRÊS PALAVRAS, SOU UM NADA”: A IMPORTÂNCIA DA APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM ESCRITA NO FILME MINHAS TARDES COM MARGUERITTE**

Amanda Callegari<sup>1</sup>

Ana Paula Alves Vieira<sup>2</sup>

Silvana Tuleski<sup>3</sup>

Zaira Fátima de Rezende González Leal<sup>4</sup>

**Resumo**

Este artigo objetivou discutir, desde os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, a gênese da função reguladora da linguagem e a importância da apropriação da linguagem escrita, analisando o filme “Minhas Tardes com Margueritte” (BECKER, 2010). O protagonista Germain, trabalhador francês proveniente de infância conturbada em casa e na escola (no sentido de não favorável ao aprendizado) apresenta pouco domínio da linguagem escrita, tendo dificuldades em planejar suas falas e ações. A partir do contato com a escrita, proporcionado por Margueritte, o protagonista vive um processo de mudança psíquica e transformações do comportamento, o que confirma os pressupostos do enfoque psicológico em questão, de que a apropriação da linguagem escrita reorganiza o psiquismo e modifica a conduta. Concluiu-se que o ato voluntário é um processo social e não inato e, por isso, deve necessariamente ser aprendido, contribuindo para o entendimento da importância da apropriação da linguagem para o desenvolvimento humano.

**Palavras-chave:** Psicologia Histórico-Cultural; Linguagem escrita; Cinema.

**“I AM NOT ABLE TO JOIN NOR THREE WORDS, I AM NOTHING”: THE IMPORTANCE OF THE APPROPRIATION OF THE WRITTEN LANGUAGE IN THE FILM MY AFTERNOONS WITH MARGUERITTE”**

**Abstract**

This article aims to discuss, from the perspective of the Historical-Cultural Psychology, the genesis of the regulatory function of language and the importance of the appropriation of written

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), professora do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC) – *Campus* Sobral  
amandabiasi@sobral.ufc.br

<sup>2</sup> Mestre e doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: avieira.ap@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora e pós-doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara/SP, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: silvanatuleski@gmail.com

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP), professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: zairagleal@gmail.com

language, analyzing the film "My Evenings with Margueritte" (Original: "La Tetê en Friche", BECKER, 2010). The protagonist Germain, a French worker that had a troubled childhood at home and at school (in the sense of not favorable to learning) has little mastery of written language, and shows difficulty in planning his speeches and actions. From the contact with writing, provided by Margueritte, the protagonist lives a process of psychic change and behavioral transformations, which confirms the presuppositions of the Historical-Cultural approach which is that the appropriation of written language reorganizes the psychism and modifies the conduct. It was concluded that the voluntary act is a social process and not innate and, therefore, must necessarily be learned, having a great importance for human development.

**Keywords:** Psychology Historical-Cultural; Written language; Cinema.

### **NO SOY CAPAZ DE UNIR NI TRES PALABRAS, SOY UN NADA": LA IMPORTANCIA DE LA APROPIACIÓN DE LA LENGUA ESCRITA EN LA PELÍCULA MIS TARDES CON MARGUERITTE**

#### **Resumén**

Este artículo tiene como objetivo discutir, desde la Psicología Histórico-Cultural, la génesis de la función reguladora del lenguaje y la importancia de la apropiación del lenguaje escrito, en un análisis de la película "Mis tardes con Margueritte" (BECKER, 2010). El protagonista Germain, un trabajador francés que tuvo una infancia con problemas en su hogar y en la escuela (es decir, no conducente al aprendizaje) presenta poco dominio del lenguaje escrito, tiene problemas para la planificación de su discurso y sus acciones. Desde el contacto con la escritura, proporcionada por Margueritte, el protagonista presenta un cambio en su proceso psíquico y una transformación de su conducta, lo que confirma las suposiciones del enfoque psicológico en cuestión, el cual afirma que la apropiación de la lengua escrita reorganiza la psique y modifica la conducta. Se concluyó que el acto voluntario es un proceso social y no innato y, por lo tanto, necesariamente debe ser aprendido, lo que contribuye a la comprensión de la importancia de la apropiación del lenguaje para el desarrollo humano.

**Palabras clave:** Psicología Histórico-Cultural; lenguaje escrito; Cine.

#### **Introdução**

Este artigo tem como objetivo realizar uma discussão sobre a gênese da função reguladora da linguagem e a importância da apropriação da linguagem escrita, por meio da análise do filme intitulado *Minhas Tardes com Margueritte* (BECKER, 2010) e à luz da Psicologia Histórico-Cultural.

O filme *Minhas Tardes com Margueritte* é um longa-metragem francês dirigido por Jean Becker (2010), que narra a história de um trabalhador pobre e de meia idade chamado Germain Chazes, que é reconhecido por aqueles com quem convive como "ignorante" e "lento"

e demonstra uma apropriação restrita do conhecimento devido, entre outras coisas, às suas condições concretas de vida.

Nota-se no filme, a partir das cenas que recuperam a história de sua infância, que o protagonista passou pelo processo de escolarização, mas que essa foi uma etapa difícil de sua vida, em que não houve aprendizado efetivo, uma vez que nas cenas recuperadas o professor está sempre ridicularizando perante toda a classe, elemento que fica explícito na cena em que o professor diz que ele é mais lento do que os outros. Além disso, a narrativa do filme vai mostrando, ao longo de toda a trama, que a sua apropriação da linguagem escrita é limitada, fato demonstrado por ocasião do encontro desse personagem com Margueritte, uma senhora idosa que cumprirá papel fundamental ao longo de toda a trama e no desenvolvimento posterior da personagem principal.

Germain tem o hábito de contar os pombos que habitam a praça pública, chegando a atribuir-lhes nomes e até mesmo algumas características de personalidade. Em um desses passeios na praça, ele conhece Margueritte, uma senhora idosa que é uma intelectual e leitora assídua, que no passado trabalhara em missões da Organização Mundial de Saúde. Inicia-se, então, uma série de encontros entre a personagem principal e a senhora idosa, sempre nessa mesma praça, tendo como principal atividade conjunta a leitura dos livros trazidos por Margueritte. Esses encontros informais na praça pública, nos quais Germain escuta as histórias lidas por Margueritte, vão dando origem a várias mudanças na relação da personagem com a linguagem e com o conhecimento.

A partir dos encontros com a linguagem escrita a personagem apresenta grandes modificações em sua organização psíquica, cuja maior expressão está nas mudanças de seu comportamento. Baseando-se no longa-metragem aqui apresentado brevemente, que, de acordo com nossa interpretação, fundamentada nos estudos realizados pelos psicólogos russos fundadores da Psicologia Histórico-Cultural, propõe-se delinear algumas respostas introdutórias às seguintes questões: Qual a importância da apropriação da linguagem escrita para o desenvolvimento humano? Como a apropriação da linguagem escrita regula/modifica o comportamento?

Buscando responder essas perguntas a partir do enfoque histórico-cultural, apresentamos no primeiro tópico o papel da linguagem na formação da consciência, o papel da aprendizagem para o desenvolvimento humano, bem como o processo de desenvolvimento dos conceitos ao longo do desenvolvimento. No segundo item, discutiremos a linguagem como

reguladora da conduta partindo da análise do comportamento de Germain antes da apropriação da linguagem escrita, resgatando também sua infância. No terceiro tópico, apresentaremos os primeiros encontros da personagem principal com a linguagem escrita, proporcionados por Margueritte e, por fim, as implicações da aprendizagem da linguagem escrita no seu desenvolvimento e comportamento, discutindo as mudanças de sua conduta à luz da Psicologia Histórico-Cultural.

### **1. O papel da linguagem escrita na formação de consciência: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural**

Os psicólogos russos, fundadores da Psicologia Histórico-Cultural, trabalharam intensamente com o tema da linguagem e seu papel na regulação da atividade humana e no desenvolvimento da personalidade, sendo um tema que perpassou diversos aspectos dos estudos de Luria (2015), por exemplo. Para os autores da Psicologia Histórico-Cultural, as formas superiores do comportamento consciente, isto é, as funções psíquicas superiores que diferenciam o ser social do animal, têm suas origens nas transformações históricas da espécie humana, ao longo do desenvolvimento filogenético do homem, e cujo elemento fundante é o trabalho em seu sentido ontológico. O ser humano ao transformar a natureza para controlá-la e submetê-la às suas necessidades, transforma também o seu próprio psiquismo. Nesse sentido, cada um dos termos utilizados por Vigotski<sup>5</sup> para definir sua abordagem - “cultural”, “instrumental” ou “histórica” - refletem um aspecto das formas de atividades que distinguem o homem dos outros animais (LURIA, 2015).

De acordo com o autor, o termo “instrumental” se refere à mediação que ocorre em todas as funções psicológicas complexas. Vygotski (1995) apresenta o método instrumental para compreender a formação do psiquismo, em que o processo de apropriação do que a humanidade já produziu (humanização) é uma relação mediada pelos instrumentos físicos e psicológicos. Os instrumentos físicos são aqueles utilizados no trato direto do ser humano com a natureza, enquanto que os instrumentos psicológicos são todos os tipos de signos – a linguagem, a álgebra, as obras de arte, a escrita, os desenhos – criados pelo ser humano e que o

---

<sup>5</sup> Optamos por utilizar a grafia “Vigotski”, pois de acordo com Prestes (2010) ao analisar os diferentes tipos de grafia para a letra “i” no alfabeto cirílico, essa é a tradução que mais se aproxima da escrita original. Nas referências a escrita utilizada na referida obra foi mantida.

auxiliam a controlar o seu próprio comportamento (VYGOTSKI, 1996). A linguagem oral e a escrita são, portanto, *signos*, isto é, instrumentos psicológicos criados pelo próprio homem, que modificam o seu psiquismo e possibilitam o controle e regulação de seu próprio comportamento, organizando as suas funções psicológicas superiores e, portanto, exercendo uma função importante na constituição da sua personalidade. Nesse sentido, segundo Luria (2001), a palavra tem tanto uma função cognoscitiva, de comunicação, como também uma função pragmática ou reguladora, sendo um meio de regulação da conduta.

Na medida em que o homem modifica a natureza por meio do trabalho e, conseqüentemente, cria signos e os utiliza para governar sua conduta, são criadas também novas conexões e funcionalidades no cérebro. Nesse sentido, são desenvolvidas as funções psicológicas superiores que superam as funções psicológicas elementares (de ordem instintiva e primitiva) e as elevam a um patamar superior, de maior complexidade, porque perpassam os instrumentos físicos e psicológicos criados pelo homem. Esta é, segundo os investigadores soviéticos da Escola de Vigotski, a origem histórica do desenvolvimento do psiquismo humano.

Retomando a nomenclatura cunhada por Vigotski, o termo “Cultural” está relacionado com as ferramentas, físicas ou psicológicas (*signos*), e com os modos socialmente estruturados de organização das tarefas que são transmitidos de geração a geração. Segundo Luria (1979/2015) “um dos instrumentos-chave inventados pela humanidade é a linguagem e Vigotski conferia à linguagem um lugar muito importante na organização e no desenvolvimento dos processos do pensamento” (LURIA, 2015, p. 49).

Funde-se ao aspecto “cultural” o elemento “histórico”, que significa dizer que essas ferramentas mencionadas acima, usadas pelo homem para dominar a natureza e seu próprio comportamento, foram inventadas e aperfeiçoadas ao longo de toda a história filogenética e social do ser humano:

A linguagem carrega em si os conceitos generalizados que são o repositório da cultura humana. Determinados instrumentos culturais, como a escrita e a aritmética, expandiram extraordinariamente os poderes do homem, tornando a sabedoria do passado analisável no presente e aperfeiçoável no futuro. Este raciocínio tinha uma implicação: se estudássemos a maneira pela qual as diversas operações do pensamento se estruturam em sociedades cuja história cultural não tivesse produzido uma ferramenta como, por exemplo, a escrita, encontraríamos uma organização diferente dos processos cognitivos superiores, mas uma estruturação semelhante dos processos elementares (LURIA, 2015, p. 49).

A hipótese de que a funcionalidade dos processos cognitivos superiores seria semelhante à dos processos elementares diante da ausência do signo da linguagem e que, portanto, o nível de desenvolvimento das forças produtivas de uma dada sociedade determinaria, de forma mediada, o desenvolvimento psíquico dos sujeitos, originou os estudos interculturais de Luria (1990). Esta relação demonstrada pelo autor – salvaguardadas as mediações entre as condições materiais que constituem cada situação – é também percebida no filme na medida em que o protagonista Germain demonstra possuir um raciocínio mais ligado à experiência prática, além da dificuldade de planejamento, imaginação e controle da conduta, processos estes que serão analisados no próximo item.

Luria (2001) explica que para situar as origens da função reguladora da linguagem é preciso compreender a capacidade da criança de se subordinar à linguagem do adulto. A linguagem do adulto, que frequentemente está acompanhada de gestos indicadores, é o momento primeiro das modificações da organização da atividade psíquica da criança. A denominação do objeto por parte da mãe e seu gesto indicador canaliza a atenção da criança e separa os objetos mencionados dentre os demais objetos existentes em seu cotidiano. Em consequência disso, a atenção da criança deixa de se subordinar ao reflexo de orientação, provocado pela força do estímulo ou por sua novidade, e começa a se subordinar à ação da linguagem do adulto. Nisto consiste a primeira etapa na formação de um novo tipo de ação da criança, organizada sobre uma base social (LURIA, 2001, p. 96).

Este é o caminho pelo qual se forma o complexo processo de ação voluntária autônoma, que é a subordinação da ação não mais à linguagem do adulto, mas sim à linguagem da própria criança (LURIA, 2001). Os experimentos da equipe de Vigotski<sup>6</sup> demonstraram que a chamada “fala egocêntrica” da criança, isto é, a que não se dirige a nenhum interlocutor, aparece somente ante as dificuldades, tendo no início um caráter desdobrado externo, isto é, o objetivo de descrever a situação e planejar a possível saída e/ou resolução da tarefa apresentada. Com o desenvolvimento da criança, esta fala vai progressivamente se reduzindo, transforma-se em um sussurro até que desaparece, transformando-se em linguagem interior (LURIA, 2001, p. 110). De acordo com Luria (2001),

---

<sup>6</sup> Luria (1982/2001) menciona “equipe de Vigotski” referenciando ao autor e seus colaboradores nos experimentos.

A evolução [da linguagem da criança] consiste em que, no começo, a criança dirige esta linguagem social ao adulto e se dirige a ele pedindo ajuda, logo começa a analisar por si própria a situação com a ajuda da linguagem, buscando encontrar as possíveis saídas e, finalmente, por meio da linguagem, começa a planejar o que não pode fazer através da ação imediata. Desta forma, conforme a opinião de L. S. Vigotski, origina-se a função intelectual, reguladora da conduta, a partir da linguagem da própria criança (LURIA, 2001, p. 110).

Dessa forma, conforme a análise de Vigotski, com o surgimento da linguagem interior nasce também a “ação voluntária complexa como sistema de auto-regulação, que se realiza com a ajuda da própria linguagem da criança, no início exteriorizada e logo interiorizada” (LURIA, 2001, p. 111).

Vigotski (2009) entende o processo do desenvolvimento humano como intimamente relacionado à aprendizagem, embora esses dois processos não guardem uma relação de identidade, ou seja, são processos que não coincidem entre si. A relação entre aprendizagem e desenvolvimento se expressa na tese segundo a qual a aprendizagem *promove* o desenvolvimento: é por meio da apropriação dos instrumentos físicos e psicológicos (signos) produzidos ao longo da história social dos homens, em outras palavras, é por meio da apropriação da cultura – da aprendizagem – que ocorre o desenvolvimento.

Para compreender o processo pelo qual a aprendizagem promove o desenvolvimento, Vigotski (2009) busca demonstrar a diferença entre os conceitos espontâneos e científicos, bem como o caminho percorrido pela criança na superação dos primeiros pelos últimos. Os conceitos espontâneos são aqueles apropriados na vida cotidiana da criança e pela mediação do adulto cuidador, já os conceitos científicos são aqueles conceitos apropriados apenas por meio do conhecimento científico sistematizado, resultado da produção histórica do gênero humano. Sobre o processo de superação dos conceitos espontâneos pelos conceitos científicos, o autor diz que “os conceitos espontâneos tornam possível o próprio fato de surgimento desses conceitos [científicos] a partir da aprendizagem, que é a fonte de seu desenvolvimento” (VIGOTSKI, 2009, p. 296).

A partir disso, Vigotski (2009) demonstra que é por meio da apropriação dos conceitos científicos, possibilitado pelo processo educativo, que toda a estrutura das funções psicológicas da criança pode se modificar. Neste sentido, uma variedade de funções psicológicas pode se desenvolver devido ao caráter consciente e arbitrário do conhecimento sistematizado, comprovando que a aprendizagem promove o desenvolvimento intelectual. Nas palavras do

autor:

Esse processo de desenvolvimento dos conceitos ou significados das palavras requer o desenvolvimento de toda uma série de funções como a atenção arbitrária, a memória lógica, a abstração, a comparação e a discriminação, e todos esses processos psicológicos sumamente complexos não podem ser simplesmente memorizados, simplesmente assimilados (VIGOTSKI, 2009, p. 246).

Dessa forma, pode-se perceber ao longo da trama analisada que a personagem principal, Germain, passa pelo processo de superação dos conceitos espontâneos por meio de seu acesso à leitura, ou seja, por meio da aprendizagem, modificando, assim, também a sua forma de compreender e se comportar em sua vida cotidiana.

Nesse sentido, Vigotski (2009) apresenta também o conceito de zona de desenvolvimento próximo, que consiste na zona de possibilidades do desenvolvimento, em que se pode verificar os processos que estão na zona de desenvolvimento real e aqueles que estão em vias de se efetivar. No filme, o desenvolvimento apresentado pelo personagem principal a partir da apropriação da linguagem escrita, que será melhor apresentado ao longo do artigo, corrobora com essa tese da Psicologia Histórico-Cultural: ocorrem grandes mudanças na forma de pensar e na conduta da personagem que, segundo a nossa análise, são decorrentes do processo de aprendizagem proporcionado pelo encontro dele com outra personagem, a Margueritte. Essa segunda personagem o auxilia nesses processos de aprendizagem que estão ocorrendo, como, por exemplo, ao usar palavras ainda desconhecidas por ele e explicar os seus significados, até que eles se tornem parte de seu desenvolvimento real, ou seja, quando ele consegue utilizar corretamente os novos conceitos apreendidos nas suas relações cotidianas e a partir de sua própria iniciativa.

A partir desses pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural é possível pensar o processo de apropriação da linguagem escrita do protagonista do filme em questão. Para isso, será apresentado como se deu o desenvolvimento do personagem na infância, como era o personagem antes do contato com a linguagem escrita e no decorrer dos encontros com Margueritte e, dessa forma, como seu pensamento e comportamento foram se desenvolvendo e se modificando.

## **2. A linguagem como reguladora da conduta e o papel do adulto nesse processo: pensando a infância de Germain**

A mãe de Germain aparece no filme como uma figura agressiva com o filho durante a infância levando o espectador à conclusão implícita de que o protagonista não teria recebido o apoio e ajuda necessários para que pudesse desenvolver certas habilidades na infância. Fica claro, ao longo da trama, que a mãe é uma pessoa frustrada por ter tido um filho não desejado, fruto da relação com um desconhecido e que teria representado, desde o início, imensas dificuldades com as quais não podia e não queria lidar – a dificuldade começa desde o “parto com fórceps”, segundo a fala da personagem. Em dado momento do filme, Germain reflete sobre essa negligência materna expressa no fato de a mãe tê-lo chamado de “isto” na infância – “Isto... como pode chamar alguém de ‘isto’? Nem um cão eu chamaria de ‘isto’. Se eu tivesse um cão eu chamaria de... cão”, reflete Germain por meio de um raciocínio bastante simplificado.

A relação de Germain com sua mãe é relevante para abordar o tema da linguagem como função reguladora da conduta, uma vez que segundo Luria (2001), é por meio da instrução verbal do adulto que a ação voluntária da criança se desenvolve. A função intersíquica de planejamento e direção de uma ação é, no início, compartilhada entre a mãe/cuidador e o bebê e, somente posteriormente, irá se transformar em uma função própria da criança. Segundo o autor, “a ação dividida entre duas pessoas (a mãe e a criança) muda de estrutura, se interioriza e se transforma em intrapsíquica; a partir daí a linguagem da própria criança começa a regular a sua conduta” (2001, p. 108).

Luria (2001) demonstra, por meio de experimentos que, para a criança, o processo de subordinação de sua ação à instrução verbal do adulto não é um ato simples e tampouco surge repentinamente, mas se desenvolve progressivamente. À criança, em seus dois primeiros anos de vida, se coloca o desafio de superar os estímulos visuais diretos (como o fato de o objeto estar mais próximo ou ser o que brilha mais) para conseguir cumprir a instrução do adulto. Isto demonstra que as faculdades da atenção, da direção e do planejamento são processos sociais, desenvolvidos por meio da ação compartilhada do adulto com a criança e a partir das necessidades concretas da criança.

O autor demonstra por meio de outros experimentos que para a criança de 1 ano e oito meses até 2 anos, a instrução verbal do adulto funciona como algo que “aciona” seu movimento,

mas não funciona como elemento *inibidor* da ação. Ou seja, a criança, ao ouvir a instrução, cumpre a tarefa, mas ao ser solicitada a parar a inibição não se realiza (LURIA, 2001, p. 103).

Segundo o autor:

Na criança desta idade, ainda não existe a capacidade de coordenar o movimento e distribuir a atenção; somente por volta dos fins do terceiro ano de vida aparece pela primeira vez a capacidade de coordenar o sinal condicionado com os movimentos (LURIA, 1982/2001, pp. 103-104).

Luria (2001) demonstra a função do adulto na formação da consciência por meio de sua atuação com a linguagem e no filme observa-se um adulto – no caso, a mãe – que não pôde cumprir com a função de mediar o desenvolvimento desse filho em nenhum nível (desenvolvimento físico, cognitivo ou afetivo) e que, por isso, pode ter apresentado dificuldades em seu desenvolvimento, em sua organização psíquica e em seu comportamento. Essas dificuldades são sentidas de certa forma por Germain, quando ao analisar sua própria linguagem diz: “Se falo 15 palavras, 12 são vulgares e grosseiras”. Também seus amigos afirmam isso e procuram evitar que as “palavras grosseiras e vulgares” dele incomodem ou ofendam as pessoas no restaurante/bar frequentado por Germain e que representa, na trama, o seu círculo de convivência. Essa forma “vulgar e grosseira” de se comunicar expressa uma dificuldade do protagonista em planejar antecipadamente em sua cabeça a melhor forma de expressar aquilo que deseja ou necessita dizer. Há, portanto, um elemento de impulsividade naquilo que o personagem diz, demonstrando que ele tem poucos recursos para buscar pela forma mais apropriada ou mais conveniente de se expressar em dada situação social. Esse uso de palavras grosseiras também demonstra que seu vocabulário é restrito e se reduz à linguagem informal cotidiana, não tendo se apropriado de outras palavras que pudessem expressar de forma mais gentil ou, até mesmo, mais clara, aquilo que pretende dizer.

Nesse sentido, o protagonista frequentemente diz coisas que são compreendidas como inadequadas por aqueles com os quais convive, como quando tenta ajudar Landermont, seu amigo que está ameaçando se matar por ocasião do falecimento de sua esposa, e só consegue dizer as coisas mais óbvias, sem grandes formulações como “não adianta, sua mulher está morta”; ou quando tenta ajudar o amigo que se interessa por uma moça desconhecida no bar e diz a ela “ele gosta muito muito de você, você deveria sair com ele”, colocando o amigo em uma situação constrangedora. Pela apropriação restrita da linguagem, fundamentalmente

vinculada às suas necessidades cotidianas mais concretas, sua “linguagem interior” como denomina Vygotski (1995), aquela fala cuja função é organizar e regular o comportamento por meio do pensamento, desempenha de forma deficitária o papel de auto-regulação da conduta, por isso o personagem parece ter dificuldades de planejar o que diz da forma mais adequada segundo a situação que se lhe coloca.

Dessa forma percebemos que Germain apresenta, inicialmente, dificuldades relacionadas à função reguladora da linguagem, advindas da falta de condições objetivas de desenvolvimento durante sua infância e do conseqüente prejuízo em seu processo de desenvolvimento psíquico, cultural e afetivo. Essas dificuldades são expressas de maneira explícita quando são apresentadas no filme as relações do protagonista com seus amigos.

No entanto, a partir de seus encontros com Margueritte e de seu novo envolvimento com a linguagem escrita, poder-se-á notar certa mudança nesse aspecto. As atividades de planejamento e de cuidado ao falar com o outro começam a aparecer devido, segundo esta análise, ao enriquecimento que a nova personagem proporciona à Germain e as possibilidades que se abrem ao desenvolvimento. Este processo resulta no melhoramento de seu vocabulário, na compreensão dos significados das palavras e na busca da personagem principal pela apropriação de novos conceitos. Ou seja, a partir da atividade de leitura e da criatividade que se desenvolve a partir das tentativas de utilizar os conceitos aprendidos nas situações vivenciadas em seu cotidiano, Germain vai se desenvolvendo, o que demonstra, a partir da análise proposta neste artigo, que as possíveis dificuldades no desenvolvimento ocorridas na infância de uma pessoa ou ao longo de sua vida não selam um destino de fracasso. O desenvolvimento é um processo incessante de apropriação da cultura humana, de aprendizagem e da conseqüente elevação das funções psíquicas e da personalidade do sujeito.

Todas essas transformações que começam a ser operadas no processo de desenvolvimento de Germain passam a ser percebidas por aqueles com os quais ele convive, causando, dentre outras reações, certo estranhamento em seu círculo social, como será detalhado no próximo item.

### **3. Os encontros de Germain com Margueritte e com a linguagem escrita**

Para os fins desta análise é importante descrever as características gerais do protagonista antes de conhecer Margueritte e, com ela, a linguagem escrita. Germain é um

trabalhador que frequenta assiduamente uma lanchonete/bar, no qual encontra seus amigos. Eles sempre conversam sobre vários assuntos e o protagonista ocupa o lugar de amigo “bobo”, que sempre diz coisas inadequadas sem pensar muito colocando as pessoas em situações constrangedoras. Ele é constantemente zombado por seus amigos, principalmente por Landremont, amigo que está cotidianamente no referido bar fazendo palavras cruzadas e se gabando de seu conhecimento. Germain às vezes é solicitado por Landremont a responder alguma pergunta relacionada ao jogo de palavras cruzadas, e ao tentar responder demonstra sua ignorância quanto aos conhecimentos gerais e a própria escrita, sendo comumente chamado de “burro” pelo colega.

Germain, finalmente, conhece Margueritte e passa a encontrá-la sempre na praça pública ao realizar sua atividade de contar pombos. No segundo encontro das personagens, Margueritte apresenta o primeiro livro a Germain, dizendo que se lembrou dele, pois lendo trechos de livros ao acaso se deparou com a seguinte citação, que ela recita a ele:

Como imaginar, por exemplo, uma cidade sem pombos, sem árvores e sem jardins, onde não se encontra nem rufar de asas, nem farfalhar de folhas, um lugar neutro, em suma, onde as mudanças das estações só são percebidas no céu e a primavera se anuncia apenas na qualidade do ar e nos buquês de flores que os pequenos vendedores trazem dos subúrbios. Uma primavera que é vendida nos mercados (BECKER, 2010).

Germain pede que leia novamente o trecho, desde o início, mas dessa vez “não tão rápido”. “Com prazer”, responde Margueritte que repete mais lentamente. Esse contato com a leitura era totalmente inédito para Germain, que tem uma reação de impaciência ao escutar novamente o trecho do livro “A Peste” de Albert Camus. Ele afirma que o livro “não é ruim”, mas que a situação narrada pelo autor não poderia existir.

Em certa medida, essa cena do filme ilustra as formulações trazidas por Luria (1990) em decorrência de seus estudos interculturais realizados na Ásia central. O pesquisador, ao fazer experimentos com comunidades primitivas do ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, do próprio desenvolvimento psicológico de seus membros, demonstra que nos primeiros estágios a imaginação “continua ligada, por certo tempo, à situação imediata, mantendo assim, como em todos os outros processos mentais, uma natureza ‘não-arbitrária’” (LURIA, 1990, p. 182). Segundo o autor, tanto a capacidade de formular questões quanto o conteúdo das próprias questões variam de acordo com as mudanças ocorridas na vida social e na experiência prática do sujeito. Na pesquisa de Luria, era solicitado aos

sujeitos de pesquisa formular perguntas livres, usando a seguinte instrução “Faça-me três questões quaisquer. O que você gostaria de saber?” (LURIA, 1990, p.184) ao que frequentemente recebia respostas como “não consigo imaginar sobre o que perguntar” (p.184) ou “não sei o que perguntar” (p.184); porém, quando isso acontecia, os pesquisadores encorajavam os sujeitos colocando questões como: “Bem, por exemplo, nós viemos de outro lugar, de outras cidades. Pergunte-me sobre as outras cidades. Que interessa a você?” (p. 185), ao que eles frequentemente respondiam que não podiam perguntar sobre um lugar aonde nunca foram.

Assim como os sujeitos de pesquisa de Luria (1990), nosso protagonista Germain – vale salientar que devido ao ineficiente processo de apropriação da leitura e escrita, e não às condições de desenvolvimento de forças produtivas da França – demonstra ter uma imaginação ainda fortemente ligada à sua vida prática e suas experiências sociais. Vivendo em uma cidade em que há pombos, árvores, jardins etc., ele não consegue superar sua experiência imediata e imaginar um lugar hipotético em que estes elementos que ele conhece não existissem. Por isso, rapidamente responde à Margueritte: “isso não é possível”. Segundo Luria (1990, p. 185), é possível verificar que existe uma “acentuada dificuldade em se libertar da experiência imediata e formular questões que possam ir além dela”, e isso pode ser notado na cena supracitada, em que Germain não consegue imaginar um lugar totalmente diferente daquele onde vive, isto é, onde empreende sua vida e sua prática cotidiana. Isso se repete mais uma vez quando a personagem pergunta a Margueritte qual o nome da pessoa que escreveu aquele trecho, e ela responde “Albert Camus”, e Germain, novamente, faz uma relação com algo de sua experiência prática, respondendo “Albert! O nome do meu avô...”.

Germain também apresenta esse raciocínio fundamentalmente vinculado à sua experiência imediata ao procurar palavras no dicionário com que Margueritte lhe presentearia. “Com um dicionário viajamos de uma palavra a outra, nos perdemos num labirinto. Paramos, sonhamos...” – diz ela antes de entregar-lhe o presente. Ele tem dificuldades em encontrar palavras por não saber como se escreve, “Então vamos procurar nomes de pessoas” – ele afirma. Procura por “Margueritte”, encontra “Nome de flor...”, ao que responde: “obrigado pela informação! Grande ajuda!” – ironizando a informação óbvia recebida do dicionário. Procura pela palavra “Germain”. “... primeiro: um primo, etc. Segundo: um habitante da Alemanha, alemão...”, depois procura por “tomate-maçã”, pois é o tomate que planta em sua horta. “Vamos procurar tomate... solanáceas, ver: tomate-uva. É a única variedade que eles têm?? Tomate-

uva? E Tomate-maçã? Tomate-caqui? Onde estão todos eles? Fora de estação?”. Indignado por não ter encontrado a palavra ligada à sua experiência prática de plantio ele afirma “Faltam várias palavras e sobram outras. Não dá para entender. Vou devolver para Margueritte”.

Essas cenas do filme mostram que o raciocínio do protagonista está comumente relacionado às suas experiências concretas imediatas, assim como demonstra os experimentos lurianos citados acima. Luria (1990) investigou adultos que, tal como Germain, não tiveram acesso à educação sistematizada e cujo desenvolvimento das forças produtivas do lugar que habitavam ainda se apresentavam em estágios primários em relação ao desenvolvimento das forças produtivas em geral.

Luria (2001) explica que o ser humano não se limita às impressões imediatas daquilo que o circunda, a experiência humana com o mundo não se restringe à esfera sensível, mas, ao contrário, ao homem estão colocadas condições de “ultrapassar os limites da experiência sensível, de penetrar mais profundamente na essência das coisas. O homem pode abstrair características isoladas das coisas, captar os profundos enlaces e relações em que se encontram” (LURIA, 2001, p. 11). Nesse sentido, pode-se dizer que a nossa personagem, Germain, por meio do processo de apropriação da cultura propiciado pelo acesso à leitura, à escrita, à compreensão dos conceitos – ou seja, pela aprendizagem da linguagem escrita, poderá não apenas perceber as coisas num nível da percepção sensível e empírica, mas também “refletir, fazer deduções de suas impressões imediatas” (LURIA, 2001, p. 12), fazer conexões entre o que se percebe e estabelecer relações. De acordo com o autor:

O homem pode não só pode captar as coisas mais profundamente do que lhe permite a percepção sensível imediata, mas também tem a possibilidade de tirar conclusões, não sobre a base da experiência imediata, mas sim com base no raciocínio. Tudo isso permite considerar que no homem existem formas muito mais complexas de recepção e elaboração da informação do que as da percepção imediata (LURIA, 2001, p. 12).

Verifica-se que Germain, em seu nível de desenvolvimento, tende a limitar seu raciocínio às relações com suas experiências sensíveis imediatas, isto é, às suas percepções; porém, com a superação dos níveis elementares de desenvolvimento, por meio da aprendizagem, ele se tornará capaz de ultrapassar os limites da experiência sensível rumo às abstrações e generalizações mais elaboradas. Como nos explica Luria (2001, p. 12): “(...) o homem dispõe não só de um conhecimento sensorial, mas de um conhecimento racional, possui

a capacidade de penetrar mais profundamente na essência das coisas do que lhe permite os órgãos dos sentidos” (LURIA, 2001, p. 12).

O desenvolvimento da personagem ao longo da trama ilustra os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural de que as funções psicológicas superiores são desenvolvidas a partir do plano externo, ocorrendo primeiro em um nível interpsíquico e, posteriormente, em um nível intrapsíquico. A linguagem tem um papel importante na formação da consciência, bem como na regulação do comportamento e no filme, no decorrer de seu contato com a linguagem escrita, Germain apresenta diferenças na forma de pensar e agir, que serão expostas no item a seguir.

#### **4. As mudanças no comportamento do protagonista e as implicações da aprendizagem da linguagem escrita**

As primeiras mudanças no comportamento de Germain são percebidas após Margueritte presentear Germain com o livro “A Peste”, que leva o presente para casa e tenta ler ao anoitecer. No outro dia, no bar junto a seus amigos, Landremont, ao ver uma dada notícia na televisão, faz o seguinte comentário: “quando não se morre por guerra, morre-se por catástrofes naturais” – ao que Germain responde: “ou por peste, como no livro de Camus”. “Já leu Camus?”, pergunta Landremont intrigado; e Germain responde que sim, citando os nomes dos livros que Margueritte lhe dissera.

Todos ficam curiosos com esse “novo” Germain, agora não tão “burro” como parecia. Germain continua falando coisas inapropriadas, mas as transformações em seu psiquismo decorrente desse processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, também do seu comportamento são notórias. Essas mudanças acontecem, segundo esta análise, devido ao aprendizado da linguagem escrita e, neste sentido, Vigotski (2009) afirma que a aprendizagem da escrita desencadeia o desenvolvimento de variadas funções, discorrendo, por exemplo, sobre a importância da gramática no desenvolvimento geral do pensamento. É importante destacar que no filme, a personagem de Germain tem acesso e se apropria de um tipo específico de linguagem que é a leitura. Esse destaque se faz essencial porque permite compreender que os processos psíquicos desenvolvidos por ele e expressos em seu comportamento são referentes à *compreensão* da linguagem e não à *expressão* da linguagem, que corresponderia à apropriação da habilidade de escrita.

Esses dois processos são complementares, mas não podem ser confundidos os reduzidos um ao outro, uma vez que no caso da escrita são acionados conhecimentos ainda mais profundos e voluntários sobre a língua, como é o caso do conhecimento gramatical, o que requer uma ação também mais consciente e voluntária. Para se desenvolver um domínio pleno da escrita como forma mais complexa e elaborada de expressão, é necessário se apropriar das funções de signos complexos como a pontuação, que convertem os elementos da oralidade em marcações abstratas.

Nesse sentido, entendemos que a leitura e a escrita são aspectos interligados, mas que possuem especificidades. Germain desenvolveria seu psiquismo em outros aspectos se ele também aprendesse a ordem gramatical (domínio dos elementos que compõem uma frase) e os aspectos ortográficos (modos como as palavras são escritas), talvez essa tenha sido a continuidade da vida do personagem que não nos mostra o filme, já que ao final Margueritte vai viver com ele, sua esposa e seu futuro filho, mostrando que a hipotética continuação da vida da personagem possa ter caminhado em sentido positivo para sua aprendizagem.

Há uma cena em que Germain confessa a seu gato a sua dificuldade nesse processo de aprendizagem, demonstrando que o processo de apropriação e compreensão da linguagem escrita é deveras complexo para aquele que está aprendendo:

Aqueles babacas, sempre rindo de mim. Ler é difícil, você lê uma palavra, a segunda, a terceira, você segue em frente sublinhando com o dedo, onze, doze, até o ponto final. Aí você avançou um pouco. O problema é que você quer juntar as palavras, mas elas se embaralham, como porcas e parafusos jogados numa caixa, entende? (...) Para as pessoas que sabem, é fácil! Como Margueritte, se você visse aquela velhinha! Quarenta quilos, sempre bem arrumadinha. A cabeça cheia de prateleiras com livros, livros, livros... e ela entende tudo! (BECKER, 2010).

No trecho destacado, Germain apresenta uma reflexão interessante sobre seu processo de aprendizagem. De acordo com Vigotski (2009), a linguagem escrita é um processo diverso da fala, é uma “álgebra da fala” (p. 318), sendo, portanto, uma forma mais complexa e consciente do que a linguagem oral. Retomando o conceito de zona de desenvolvimento próximo, apresentado no primeiro tópico deste artigo, é possível tomar esta reflexão do protagonista como uma avaliação de seu nível de desenvolvimento. Isto é, ele está em um nível de desenvolvimento em que consegue ouvir e compreender a partir da leitura de Margueritte, mas ainda tem dificuldades para ler sozinho, e é necessário usar o dedo embaixo da palavra como recurso para tentar compreender melhor. Tal reflexão demonstra o nível imediato e o

nível potencial de aprendizagem no qual Germain se encontrava neste dado momento, e demonstra que ele está em vias de realizar a leitura sozinho.

Quando Anette, a namorada de Germain pergunta a ele sobre a possibilidade de os dois terem um filho juntos, e em meio a toda essa situação de dificuldade com o processo de aprendizagem da linguagem escrita, ele responde da seguinte forma: “que pai eu seria? Não sou capaz de juntar mais de três palavras. Sou um nada. O que eu poderia dar a essa criança?”. Essa resposta sinaliza a importância que ele atribui, nesse momento de aprendizagem e contato com a linguagem, ao aprendizado da linguagem escrita, bem como seu conflito com esse aprendizado e com as mudanças que esse processo tem impulsionado. Outro momento de mudança que percebemos em seu relacionamento com Anette é quando Germain afirma para os amigos que não faz mais sexo, mas sim que “faz amor”, demonstrando atribuir maior cuidado no uso das palavras e, de certa forma, outra compreensão do próprio ato em si.

Essas cenas, que mostram mudanças consideráveis tanto na forma de pensar de Germain, na forma de falar e em suas atitudes ilustram as teses de Vigotski (2009) apresentadas aqui, em especial, aquela que afirma que a aprendizagem promove o desenvolvimento. Essas mudanças foram possíveis por meio da aprendizagem da linguagem escrita. Pode-se observar que a partir do contato com a linguagem escrita, o conhecimento de mundo da personagem foi ampliado, o que fez com que ele visse e agisse de outra forma.

A forma como Germain agia não tinha uma organização ou sistematização, ou seja, ele falava o que pensava de maneira impulsiva e, de acordo com esta análise, isso é o que caracteriza o tipo de conhecimento espontâneo. As modificações apresentadas acima ilustram uma reorganização desse conhecimento, corroborando com a tese de Vigotski (2009) segundo a qual o conhecimento científico – no caso do filme, advindo da linguagem escrita – age no conhecimento espontâneo e no desenvolvimento e organização das funções psicológicas superiores. De acordo com Vigotski (2009) a formação de conceitos pressupõe uma operação cognitiva mais arbitrária e consciente inclusive com os conceitos constituídos espontaneamente, isto é, trata-se de uma generalização das generalizações operadas anteriormente. Isso significa que a apropriação e compreensão de novos conceitos levam à abrangência também dos conceitos adquiridos de forma espontânea ou, nas palavras do autor (2009, p. 243) “... o acúmulo de conhecimentos leva invariavelmente ao aumento dos tipos de pensamento científico, o que, por sua vez, se manifesta no desenvolvimento do pensamento espontâneo”.

Outra cena que ilustra o desenvolvimento de conceitos em Germain é quando ele aprende o significado do sobrenome de seu amigo. Nos encontros com Margueritte ele fala de seu amigo “Cook” e ela comenta que ele deve ser um bom cozinheiro. Germain fica espantado pensando que ela adivinhou que ele era mesmo um cozinheiro, então Margueritte explica o significado da palavra – “Cook” significa cozinheiro em inglês. Germain fica muito feliz de aprender e após sair do encontro conta a seus amigos da descoberta. No bar ele apresenta aos amigos a “coincidência” de que o sobrenome de seu amigo é também o ofício que ele exerce no bar e então todos riem dele, pois apenas Germain não sabia que este nome era na verdade o apelido que advinha do ofício anterior do amigo em seu país de origem, a Inglaterra. Germain entendia o conceito de “cook” como nome próprio, que foi o que foi possível a ele compreender a partir de seu cotidiano, podendo-se entender, portanto como um conceito espontâneo.

Neste sentido, de acordo com Vigotski (2009, p. 246) “a fraqueza dos conceitos espontâneos se manifesta na incapacidade para a abstração, para uma operação arbitrária com esses conceitos, ao passo que a sua aplicação incorreta ganha validade”. O processo de aprendizagem do real significado da palavra representa uma nova generalização do significado e move uma série de funções psicológicas. Segundo Vigotski (2009, p. 246) esse processo de desenvolvimento dos significados das palavras desenvolve funções como “a atenção arbitrária, a memória lógica, a abstração, a comparação e a discriminação”. Esse exemplo ilustra as modificações psíquicas que foram ocorrendo a partir do desenvolvimento dos conceitos, possibilitado pela aprendizagem da linguagem escrita.

A cena final do filme mostra Germain lendo um livro para Margueritte. A importância deste momento na história pessoal da personagem em que ele finalmente consegue passar do processo de simplesmente escutar uma história e começa a ler pode ser explicado nas palavras de Zhinkin (1969, p. 296), quando se afirma que “para dominar a linguagem escrita é necessário aprender a passar de um tipo de linguagem para outra. Ao ler elabora-se uma mudança da palavra percebida visualmente para a palavra pronunciada e escutada”.

Concluimos que o estudo da função reguladora da linguagem e seu papel no processo de desenvolvimento das funções propriamente humanas, isto é, das funções psicológicas superiores, tem grande importância na medida em que nos possibilita compreender que o ato voluntário, isto é, a atividade consciente humana é mediada por signos, nesse caso os meios verbais tanto externos (de função comunicativa), quanto internos (de função reguladora). Segundo Luria (2001) essas teses representam um grande avanço da própria ciência psicológica

que passa a ter condições de analisar os processos voluntários humanos sob uma perspectiva materialista, superando as explicações idealistas desse fenômeno:

O ato voluntário é entendido não como um ato espiritual primário, não como um simples hábito, mas sim como uma ação de estrutura mediada que se apoia em meios verbais, os quais compreendem não só a linguagem externa como meio de comunicação, mas a linguagem interna, reguladora da conduta. Isto é uma solução completamente nova para um dos mais complexos problemas da psicologia, visto que nos permite abordar o ato voluntário (e o intelectual) desde posições materialistas, como um processo de origem social, mediado em sua estrutura no qual o papel do meio é cumprido basicamente pela linguagem interior do homem (LURIA, 2001, p. 111).

A partir do filme pudemos analisar as mudanças no comportamento de Germain decorrentes do encontro com a linguagem escrita, proporcionado por Margueritte. Dessa forma, pôde-se ilustrar, através do recurso cinematográfico, a tese luriana mencionada anteriormente de que o ato voluntário é uma ação estruturada mediada e não uma capacidade inata, sendo, portanto, uma habilidade necessariamente aprendida socialmente. O processo de desenvolvimento do comportamento voluntário segue o pressuposto básico da Psicologia Histórico-Cultural de que o desenvolvimento psíquico se dá primeiro no nível interpsíquico e, posteriormente, em nível intrapsíquico, isto é, as conquistas do gênero humano que são sociais podem ser apropriadas e se tornarem um patrimônio particular do indivíduo. Ademais, buscou-se demonstrar que o desenvolvimento é compreendido pela Psicologia Histórico-Cultural como um processo progressivo, sempre em aberto e passível de acontecer na medida em que o ser humano se apropria do conhecimento historicamente acumulado por seu gênero, isto é, por meio da apropriação da cultura humana.

### **Considerações Finais**

Com o filme *Minhas tardes com Margueritte* pôde-se ilustrar a importância da apropriação da linguagem escrita para o desenvolvimento humano. Para a Psicologia Histórico-Cultural, a palavra é, além de instrumento do conhecimento, o meio de regulação dos processos psicológicos superiores e de autocontrole da conduta do sujeito. A apropriação da linguagem escrita, portanto, reorganiza o psiquismo e modifica o comportamento, desenvolvendo a personalidade.

A infância de Germain, retomada no filme, mostra que os ambientes escolares e domésticos vividos pelo protagonista não foram favoráveis ao seu desenvolvimento e por isso não puderam possibilitar o aprendizado da linguagem escrita, dentre outros tipos de aprendizado, levando a implicações na maneira como ele veio constituindo sua personalidade. Um exemplo dessas implicações é o fato de apresentar dificuldades em planejar suas falas e o fato de ser reconhecido como uma figura “boba” pelo seu círculo de convivência cotidiana.

A partir do contato com a linguagem escrita, proporcionado por Margueritte, o protagonista passa por um processo de mudança psíquica e comportamental, analisados neste artigo. Percebe-se que, inicialmente, Germain possuía um raciocínio fundamentalmente vinculado à sua percepção sensível imediata, o que era sempre expresso em suas falas e demonstrado em seus comportamentos. Luria, em seus estudos interculturais, analisou o processo de desenvolvimento psíquico dos camponeses do Uzbequistão e Kirghizia que, em sua maioria, expressavam um pensamento diretamente relacionado ao que viviam concretamente, desprovidos da habilidade de abstrações mais desenvolvidas. Pode-se afirmar que tanto no filme, quanto nos estudos de Luria, os indivíduos não tinham a linguagem como principal reguladora do comportamento e como fundamento para o desenvolvimento da faculdade da abstração e para a articulação de relações entre variados fatos e experiências. No caso específico do filme abordado neste artigo, percebe-se que o processo de apropriação da função reguladora da linguagem se dá no decorrer dos encontros de Germain com sua interlocutora, a Margueritte, eu é o canal entre protagonista e o conhecimento. Dessa forma, é possível destacar a importância da apropriação da linguagem no desenvolvimento humano, que tem, como postula a Psicologia Histórico-Cultural, o papel de reorganizar as funções psicológicas superiores e modificar o curso do desenvolvimento do sujeito.

Apresentamos alguns comportamentos que sinalizam essas mudanças no desenvolvimento da personalidade da personagem, como as atividades de planejamento, o cuidado ao falar com o outro e as cenas de estranhamento por parte de seu círculo social. A aprendizagem da linguagem escrita impulsionou o desenvolvimento do protagonista, e tais mudanças ilustram, por meio da arte cinematográfica, a tese de que a aprendizagem promove o desenvolvimento. A apropriação da linguagem escrita corresponde à apropriação de conhecimentos científicos, assim, as modificações no comportamento do protagonista demonstraram também uma superação dos conhecimentos espontâneos pelos científicos.

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma discussão sobre a importância da linguagem escrita na formação de consciência e na regulação do comportamento, utilizando a obra cinematográfica *Minhas tardes com Margueritte*, que possibilitou ilustrar de maneira criativa as teses dos autores da Psicologia Histórico-Cultural. Esperamos que outros trabalhos e pesquisas continuem a discussão da temática em questão, visto que se faz importante investigar nos estudos científicos sobre o papel da linguagem para avançar na compreensão geral do desenvolvimento humano.

## REFERÊNCIAS

LURIA, A. R. **Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone Editora, 1990. (Trabalho original publicado em 1974).

LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas Editora, 2001. (Trabalho original publicado em 1982).

LURIA, A. R. **A construção da mente**. 2. ed. São Paulo: Ícone Editora Ltda, 2015. (Trabalho original publicado em inglês em 1979).

MINHAS Tardes com Margueritte. Direção: Jean Becker. Produção: Louis Becker; Gérard Depardieu. Intérpretes: Gérard Depardieu; Gisèle Casadesus; Claire Maurier; Maurane; François-Xavier Demaison. Roteiro: Jean Becker; Jean-Loup Dabadie. França: Cohen Media Group, 2010, 1 DVD (82 min), color.

PRESTES, Z. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional**. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (Trabalho original publicado em 1934).

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III**. Madrid: Centro de Publicaciones del M.E.C. y Visor Distribuciones, 1995. (Trabalho original publicado em 1983).

VYGOTSKI, L. S. O método instrumental em psicologia. Em: \_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 93-101. (Trabalho original publicado em 1960).

ZHINKIN, N. I. El lenguaje. In: SMIRNOV, A. A.; LEONTIEV, A. N.; RUBINSTEIN, S. L.; B. M. TIEPLOV (Orgs.), **Psicología**. México: Editorial Grijalbo, 1969. p. 276-307.